

Senhora Holle

Irmãos Grimm

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Uma viúva tinha duas filhas. Uma era bonita e trabalhadora; a outra, feia e preguiçosa. Mas ela gostava muito mais da feia e preguiçosa, porque era sua própria filha. A outra tinha de fazer todo o trabalho e ser a Cinderela da casa. A pobre menina precisava sentar-se todos os dias junto a um poço, na estrada principal, e fiar tanto que o sangue lhe saltava dos dedos. Aconteceu que, certa vez, a bobina ficou toda ensanguentada. Ela se inclinou sobre o poço para lavá-la, mas a bobina escapou de sua mão e caiu lá embaixo. A menina chorou, correu até a madrastra e lhe contou o que havia acontecido. Mas a mulher a repreendeu com tanta dureza e foi tão impiedosa que disse: “Se deixou a bobina cair, vá buscá-la de volta.” A menina voltou ao poço sem saber o que fazer. Na aflição, saltou para dentro dele para buscar a bobina. Perdeu os sentidos e, quando acordou e voltou a si, estava num belo prado, onde o sol brilhava e havia muitos milhares de flores. Caminhou pelo prado e chegou a um forno cheio de pão. O pão gritou: “Ah, tire-me daqui, tire-me daqui, senão vou queimar! Já estou assado há muito tempo!” Ela se aproximou e, com a pá de forno, tirou todos os pães, um depois do outro. Seguiu adiante e chegou a uma árvore carregada de maçãs, que lhe chamou: “Ah, sacuda-me, sacuda-me! Nós, maçãs, estamos todas maduras!” Ela sacudiu a árvore, e as maçãs caíram como chuva. Sacudiu até não restar nenhuma lá em cima. Depois de juntá-las todas num monte, continuou andando. Por fim, chegou a uma casinha, de onde uma velha espiava. Como a velha tinha dentes muito grandes, a menina ficou com medo e quis fugir. Mas a velha a chamou: “Por que está com medo, querida menina? Fique comigo. Se fizer direito todo o trabalho da casa, vai

viver bem. Só precisa ter cuidado de arrumar bem minha cama e sacudi-la com vontade, até as penas voarem. Assim neva no mundo (1). Eu sou a senhora Holle.”

(1) Por isso, em Hesse, quando neva, dizem que a senhora Holle está arrumando sua cama.

Como a velha lhe falava com tanta bondade, a menina tomou coragem, concordou e entrou a seu serviço. Fazia tudo a contento e sacudia a cama com tanta força que as penas voavam ao redor como flocos de neve. Em troca, tinha uma boa vida: nenhuma palavra desagradável e, todos os dias, comida cozida e assada. Depois de passar algum tempo com a senhora Holle, ficou triste. No começo, nem sabia o que lhe faltava. Por fim, percebeu que sentia saudades de casa. Embora ali vivesse muitos milhares de vezes melhor, desejava voltar. Finalmente disse à velha: “Fiquei com saudades de casa. Por melhor que eu viva aqui embaixo, não posso ficar mais. Preciso voltar lá para cima, para junto dos meus.” A senhora Holle respondeu: “Fico contente que queira voltar para casa. Como me serviu com tanta fidelidade, eu mesma a levarei de volta para cima.” Pegou-a pela mão e a levou até um grande portão. O portão se abriu e, bem quando a menina estava debaixo dele, caiu uma enorme chuva de ouro. Todo o ouro grudou nela, cobrindo-a dos pés à cabeça. “Isto é seu, porque foi tão trabalhadora”, disse a senhora Holle, devolvendo também a bobina que havia caído no poço. Então o portão se fechou, e a menina se encontrou no mundo de cima, perto da casa da mãe. Ao entrar no pátio, o galo estava pousado sobre o poço e cantou:

“Cocoricó,
nossa donzela dourada está de novo aqui.”

Ela entrou em casa e, como chegava coberta de ouro, foi bem recebida pela mãe e pela irmã.

A menina contou tudo o que lhe acontecera. Quando a mãe soube como ela havia conseguido tamanha riqueza, quis dar a mesma sorte à outra filha, feia e preguiçosa. Ela teve de sentar-se junto ao poço e fiar. Para ensanguentar a bobina, picou os dedos e enfiou a mão numa sebe de espinhos. Depois jogou a bobina no poço e saltou também. Como a outra, chegou ao belo prado e seguiu pelo mesmo caminho. Ao chegar ao forno, o pão gritou outra vez: “Ah, tire-me daqui, tire-me daqui, senão vou queimar! Já estou assado há muito tempo!” Mas a preguiçosa respondeu: “Era só o que faltava, eu me sujar!”, e foi embora. Logo chegou à macieira, que chamou: “Ah, sacuda-me, sacuda-me! Nós, maçãs, estamos todas maduras!” Ela respondeu: “Logo eu! Uma pode cair na minha cabeça!”, e continuou andando. Quando chegou à casa da senhora Holle, não teve medo, pois já ouvira falar dos dentes grandes, e logo se pôs a seu serviço. No primeiro dia, fez um esforço: foi trabalhadora e obedecia quando a senhora Holle lhe dizia alguma coisa, pois pensava em todo o ouro que receberia de presente. No segundo dia, porém, já começou a preguiçar; no terceiro, ainda mais, e pela manhã nem queria se levantar. Também não arrumava a cama da senhora Holle como devia e não a sacudia para fazer as penas voarem. A senhora Holle logo se cansou disso e a dispensou. A preguiçosa ficou satisfeita e pensou que agora viria a chuva de ouro. A senhora Holle a levou até o portão, mas, quando ela ficou debaixo dele, em vez de ouro foi despejado um grande caldeirão de pez. “Esta é a recompensa pelos seus serviços”, disse a senhora Holle, fechando o portão. A preguiçosa voltou para casa inteiramente coberta de pez. Ao vê-la, o galo sobre o poço cantou:

“Cocoricó,
nossa donzela suja está de novo aqui.”

Mas o pez ficou firmemente grudado nela e não saiu enquanto ela viveu.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias

Tradução: Codex · tradução assistida por IA

Produção: Bons Filhos Educação

Revisão: Codex · revisão independente por IA

<https://verdadeirashistorias.com.br/contos/senhora-holle>